

# AVANTE NA LUTA CONTRA A GUERRA!

## o fracasso fascista do dia 10 de Junho

Continua a fortalecer-se a luta popular contra a guerra colonial.

O dia 10 de Junho, que a ditadura pretendeu consagrar como um dia de contribuição para a guerra, ficou assinalado, ao contrário, como uma importante jornada de luta popular. Dezenas de milhares de tarjetas e manifestos foram distribuídos por brigadas de jovens e trabalhadores no Porto, em Lisboa, em Aveiro, em Almada e outras localidades, popularizando um movimento geral de boicote aos espectáculos, que se tornou notado, por exemplo, nos cinemas do Porto, onde foi fraquíssima a concorrência. De Alcochete, um nosso camarada mandou-nos a notícia de que nesse dia só se viram 10 pessoas no cinema local! De resto, a receita de 900 contos até agora anunciada pelos fascistas como produto dos espectáculos do dia 10 em todo o País, dá ideia do seu fracasso estrondoso.

Por todo o lado, a classe operária continua a recusar-se às «dádivas» de trabalho, forçando em muitas empresas os patrões a desistirem dessa iniciativa ou a pagarem-na do seu bolso. Um dos mais combativos exemplos foi dado pelos pescadores de Matosinhos que no dia 10 se recusaram todos juntos a sair para o mar; apesar de as autoridades estarem a chamar os mestres à capitania e a fazer toda a espécie de ameaças para tentar arrancar a «oferta» dum dia de trabalho, os pescadores, apoiados pelas suas mulheres, continuam decididos a não dar nem um tostão para a guerra.

Em muitas fábricas de Lisboa, do Porto, da região do Barreiro, etc., circulam continuamente pequenas tarjetas chamando à luta contra a guerra e fazem-se discussões entre os operários. Ao mesmo tempo, as inscrições estão a surgir nas paredes de muitas localidades, como Setúbal, Vale do Vargo, S. Pedro da Cova, Rio Tinto, etc. Em Salvaterra de Magos apareceram no dia 28 de Maio grandes inscrições: «Morra Salazar! Paz em Angola: Trabalho, Pão e Liberdade». Também em Gaia, uma corajosa brigada de agitação colocou de lado a lado da estrada uma faixa de pano onde o povo leu durante várias horas: «Paz em Angola!»

Outro aspecto da resistência popular contra a guerra manifestou-se diariamente nos cais de embarque onde se assiste a cenas lancinantes e a clamorosos protestos das famílias que não querem deixar partir os soldados, chegando a entrar em choque com a polícia. O povo sabe que os seus filhos partem para a morte. O povo sabe que são completamente falsos os números de baixas anunciados pelo governo e que os hospitais estão cheios de feridos e mutilados.

### Os soldados contra a guerra

Os soldados continuam a resistir aos embarques e contam-se por centenas as deserções (só em Beja desertaram cerca de 100 soldados). No quartel de Abrantes os soldados mobilizados regaram as enxergas com gasolina e deixaram-lhes fogo, desobedecendo a todas as ordens. Os comandos tiveram de adiar a partida

do contingente. No quartel de Engenharia 1, em Lisboa, os soldados protestaram ruidosamente contra o embarque. Na estação de S. Bento, no Porto, à partida dum contingente, houve choque entre os soldados e os polícias por estes não quererem deixar entrar as famílias na estação.

Todas estas acções do nosso povo devem ser urgentemente ampliadas porque só um movimento muito mais forte poderá pôr fim à guerra colonial.

Avante por maiores acções populares de protesto! Avante por novos milhares de tarjetas, inscrições e certazes! Boicoteemos todos os espectáculos, peditórios e iniciativas fascistas a favor da guerra!

## A TRAGEDIA DO «SAVE»

A tragédia do «Save» no qual perderam a vida — segundo os dados oficiais — 259 pessoas, e mais um episódio da vil guerra colonial.

O Governo e os jornais têm-se esforçado por «descobrir» as causas das explosões que destruíram o navio e mataram centenas de pessoas, ocultando premeditadamente que o navio transportava «gasolina, gásóleo e certa quantidade de munições» como afirma o «Diário de Lisboa» de 13 de Julho.

Tudo isto significa que Salazar e sua camarilha são os responsáveis por esta catástrofe. A tragédia do «Save» é um exemplo do desprezo do Governo pelas vidas humanas, tanto mais que a maioria dos passageiros era constituída por trabalhadores negros e simples soldados.

## A guerra de Angola isola Portugal

(continuação da 1.ª pág.ª)

Salazar não hesita em acenar às potências imperialistas com os «valores de Cabo Verde» e outras colónias quanto «à posição estratégica» que usufruem, concluindo por afirmar que «esse valor pode ser negociado». Isto significa que Salazar apregoa abertamente a disposição de ceder as colónias e enfeudar ainda mais Portugal às potências imperialistas a troco do apoio que estas lhe dão à sua política colonial. Nem o traíder Miguel de Vasconcelos seria capaz de ir tão longe!

A sinistra política de Salazar coloca Portugal ante o dilema: a paz ou a guerra que já ceifou 50 mil vidas em Angola; a independência ou o domínio estrangeiro; a liberdade ou a intensificação do terror fascista.

O povo português, os povos do mundo inteiro, estão contra a vergonhosa guerra de Angola. Apesar do colonialismo português servir de biombo à dominação e exploração colonial das grandes potências imperialistas capitaneadas pelos Estados Unidos e que através da NATO fornecem as armas que Salazar envia para as colónias, nem mesmo essas potências tiveram a coragem de opor-se à Resolução do Conselho de Segurança no sentido de cessar a guerra de Angola. Só os racistas da África do Sul com os quais Salazar conferenciou em Julho, preparando uma acção militar conjugada, e a Espanha de Franco, onde o manequim Américo Tomás irá brevemente apelar para Franco socorrer o salazarismo no caso de se verificarem sublevações internas, apoiam abertamente a sinistra guerra de Angola. O apregoado mito de Salazar e a panaceia do prestígio internacional de Portugal ruíram completamente. Salazar e a sua camarilha estão isolados internacionalmente e existe a ameaça da ruptura de relações económicas e diplomáticas com grande número de países.

O extermínio de milhares de ne-

gros em que participam as forças armadas, colonos e roceiros perderão na memória dos povos e fazem-lhes lembrar os hediondos crimes dos nazis hitlerianos. As notas oficiais dos ministros dos Estrangeiros e do Ultramar consideram colónias as denúncias feitas por governos, dirigentes políticos e organizações religiosas sobre os massacres que se verificam em Angola e dizem que «em nenhum caso foram apresentadas provas das acusações». Então porque recusa Salazar a ida duma Comissão da ONU a Angola para investigar essas acusações? A recusa é a prova de que pretende esconder crimes e crueldades indescrevíveis.

Pensará acaso Salazar que os povos permitirão que os seus crimes fiquem impunes? Não vivemos nos tempos da pirataria e do tráfico dos escravos. «Vivemos na época da liquidação do sistema colonial» em que «a falência completa do colonialismo é inevitável», conforme se salienta na Declaração dos 81 Partidos Comunistas. Vivemos na época em que só nos últimos 15 anos cerca de 40 novos Estados se formaram na Ásia e na África. O povo de Angola não está só, com ele estão todos os verdadeiros amigos dos povos coloniais com o poderoso campo do socialismo à cabeça. Com a guerra ou sem ela a liberdade e a independência de Angola será uma realidade histórica que nenhuma força poderá impedir.

Os povos coloniais que lutam pela sua independência e liberdade são aliados do povo português na luta contra o fascismo, os monopólios e a dominação imperialista. Como se declara justamente na declaração da Conferência de Casablanca das organizações nacionalistas das colónias portuguesas, «a luta dos povos ainda sob a dominação portuguesa não é dirigida contra o povo português mas tem por fim a liquidação total do sistema colonial».

A guerra imposta pelos colonialistas ao povo de Angola está condenada ao fracasso e conduzirá Portugal a um desastre nacional que já se desenha no horizonte. A grave crise que ameaça Portugal já há muito previste pelo Partido Comunista. Os acontecimentos deram-nos razão e o futuro ainda nos dará mais. Somente a luta unida e decidida do povo português e o levantamento em massa da Nação Portuguesa, derrubando a tirania fascista e formando um Governo de Unidade Nacional, poderá salvar Portugal da política de «suicídio nacional» de Salazar.

## Crónica internacional

### O TRATADO DE PAZ ALEMÃO servirá a causa da Paz

O problema da Alemanha concentra actualmente as atenções dos povos de todo o mundo, alarmados com as declarações provocatórias dos governantes dos Estados Unidos, da Alemanha Federal e de outros países imperialistas, ao apregoarem que a URSS pretende provocar uma crise na Alemanha, atacando os «interesses orientais». O que está na realidade por detrás destes clamores?

Como é sabido, 16 anos após a derrota das forças hitlerianas ainda não foi assinado o Tratado de Paz com a Alemanha. A política dos círculos imperialistas desde o fim da guerra fechou todas as possibilidades de formação dum estado alemão pacífico e democrático, como já foi estabelecido no acordo de Potsdam. Essa política deu lugar à formação de dois estados alemães: ao lado da Alemanha Federal, imperialista e agressiva, surgiu a República Democrática Alemã, que representa a nova Alemanha, pacífica e socialista. Uma vez que tentar reunificar a Alemanha pela força significaria desencadear a guerra mundial, torna-se uma exigência imperiosa reconhecer a situação criada e concluir um tratado de paz com as duas Alemanhas; é neste sentido que a União Soviética vem há anos orientando os seus esforços.

Mes às repetidas e pacíficas propostas de negociações feitas pelo governo da URSS, têm respondido os governantes das potências imperialistas com o rearmamento da Alemanha Ocidental, com a organização de provocações em Berlim-Oeste. É que os círculos imperialistas convêm precisamente que a questão alemã se mantenha em aberto, à espera do momento oportuno para servir de pretexto ao desencadeamento duma nova guerra.

É evidente que, a persistir em suspenso a questão do tratado de paz alemão, se acumulam os perigos para a paz mundial. Ao contrário do que apregoam os dirigentes dos países imperialistas, a URSS não se propõe violar as obrigações que contraíu a URSS propõe que se reune ainda este ano uma Conferência de paz em que participem todos os países que tomaram parte na guerra contra a Alemanha fascista, e que nessa Conferência seja assinado um tratado de paz com os dois estados alemães, fixando definitivamente as suas actuais fronteiras e solucionando a situação criada na parte ocidental de Berlim, encravada no território da R. D. A.

É claro que a assinatura deste tratado de paz envolve a solução da questão de Berlim-Oeste: a parte ocidental da cidade, situada no território da R. D. A., não pode continuar a ser ocupada por tropas norte-americanas, inglesas e francesas; o estado soberano da R. D. A. não pode admitir a presença no seu solo de tropas estrangeiras de ocupação. A solução proposta pela URSS — criação duma cidade livre em Berlim-Ocidental — é a única que toma em conta os interesses existentes, afasta o perigo de novas provocações e abre a perspectiva para uma evolução pacífica do problema alemão.

Agora os dirigentes orientais, que desrespeitaram os acordos estabelecidos e assinaram unilateralmente com o Japão um tratado de paz, não encontram outra resposta para as iniciativas soviéticas do que deturpar os factos e agitar o espantoso da guerra. Não se os apelos à guerra que podem desviar o governo da URSS da sua justa linha em defesa da solução do problema alemão. Se as potências imperialistas recusarem sentir-se à mesa das negociações, o tratado de paz será assinado com a R. D. A.; se as potências imperialistas recusarem reconhecer um acordo sobre Berlim-Oeste e tentarem violar as fronteiras da República Democrática Alemã, elas encontrarão pela frente as forças militares da URSS e dos países do tratado de Varsóvia.

Na luta que se trava para a solução pacífica do problema alemão, todos os povos estão interessados e todos os povos têm a sua palavra a dizer, pois é a Paz Mundial que está em jogo. Desmisturemos a política da guerra dos governos orientais e reflinamos a solução pacífica do problema alemão!